

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 9 | Nº 27 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6317358>



O CONFLITO RUSSO-UCRANIANO, DISPUTAS GEOPOLÍTICAS E O ESPAÇO GEOGRÁFICO: A COMPETIÇÃO PELA HEGEMONIA GLOBAL

Jonathan Christian Dias dos Santos¹

Resumo

O espaço europeu está presenciando o pior conflito armado dos últimos 30 anos no continente. A Rússia e a Ucrânia são os principais atores deste novo conflito que assombra a Europa. Porém, no âmago deste conflito existem interesses muito mais complexos associados às disputas espaciais que vão além das fronteiras ucranianas e quiçá europeias. O atual embate no Leste europeu expõe a disputa hegemônica global por espaços de influência que vem sendo travada, pelo Ocidente e a Rússia, de modo mais ostensivo desde o começo do século XXI. Neste texto propomos uma visão de como e por quais motivos a Ucrânia é o motivo de interesse de ambos os lados.

Palavras chave: Espaço Geográfico. Geopolítica. Rússia. Ucrânia.

Abstract

The European area is witnessing the worst armed conflict in the last 30 years on the continent. Russia and Ukraine are the main actors in this new conflict that haunts Europe. However, at the heart of this conflict there are far more complex interests associated with space disputes that go far beyond the Ukrainian and perhaps European borders. The current clash in Eastern Europe exposes the global hegemonic dispute for spaces of influence that has been waged by the West and Russia in a more ostentatious way since the beginning of the 21st century. In this text we propose a vision of how and for what reasons Ukraine is of interest to both sides.

Keywords: Geographic Space. Geopolitics. Russia. Ukraine.

Em 2021 completaram-se 30 anos do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No fatídico dia 25 de dezembro de 1991 ocorreu a morte política, econômica e diplomática de um Estado cuja existência durou 69 anos e no seu espaço distintos povos e culturas coexistiram. Todavia, as consequências da fragmentação da União Soviética e a criação de Estados-Nação independentes no antigo espaço geográfico soviético são observadas até os dias atuais.

As disputas espaciais que ocorrem no antigo espaço geográfico soviético não são novas. Estas disputas espaciais foram, após a dissolução da URSS, acentuadas pelas novas disputas geopolíticas estatais que ali começaram a emergir. Os conflitos do Alto Carabaque (1988 e 2020), as guerras da Chechênia (1994 e 1999) e Russo-Georgiana (2008) são alguns exemplos. A recente crise Russo-Ucraniana é apenas mais uma consequência dessa fragmentação que expõe novas tramas geopolíticas e as práticas espaciais a elas associadas.

Corrêa (2020, p. 37) diz que “no processo de produção espacial há uma inerente dimensão política que leva a diferentes formas de controle sobre o espaço”. As novas disputas geopolíticas estatais

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail para contato: Jonathan_christian95@hotmail.com



na área da antiga União Soviética não traduzem uma “Nova Guerra Fria” ou “Guerra Fria 2.0”. Os contextos são diferentes. Essas disputas geopolíticas estatais são novos processos de produção espacial que estão elencadas ao controle do espaço (e seus triunfos), a exploração de commodities (gás natural, petróleo, produtos agrícolas), mercados financeiros e a conquista de novas zonas (Leste europeu, Cáucaso e a Ásia Central) de influência econômica, política e também militar.

As novas geopolíticas dos principais atores do cenário político mundial do século XXI (Rússia, EUA, China) buscam, principalmente, estabelecer hegemonias. Segundo Agnew (2008, p. 208) “o termo hegemonia origina-se de uma palavra grega que significa dominação ou liderança, especificamente em um Estado ou nação, em uma liga ou confederação, porém sem uma clara indicação de sentido”.

Diferentemente dos tempos de Guerra Fria, essas hegemonias não buscam estabelecer distintos modelos econômicos e políticos. Estes paradigmas políticos e econômicos caíram com o Muro de Berlim, em 1989, e o fim da URSS, em 1991.

Estes atores políticos mundiais disputam entre si o poder dentro do sistema capitalista. A conquista do poder no sistema capitalista, como afirma Agnew (2008), é complexa e ocorre de variadas maneiras. A disputa por esse poder fundamentalmente passa pelo espaço geográfico e ocorre, por exemplo, através da extração de recursos, do desenvolvimento de circuitos espaciais de produção e da integração de distintos espaços por meio de inúmeras redes de infraestrutura (aeroportos, portos, rodovias, ferrovias).

Ainda que este conflito entre a Rússia e a Ucrânia não corresponda a uma “Guerra Fria 2.0” suas origens inevitavelmente estão naquele período. Após o fim da URSS, especialmente com a chegada de Vladimir Putin ao poder, em 2000, o antigo espaço geográfico da União Soviética, com um grande valor geoestratégico, na visão dele e de seus conselheiros deveriam continuar à sombra da influência russa, ou melhor dizendo, à sombra da hegemonia russa.

Pode-se dizer que por trás da visão de Putin e de seus assessores esteja a corrente de pensamento eurasianista. O eurasianismo ganhou destaque entre os pensadores políticos russos especialmente na década de 90, com a insatisfação da elite política russa ao tratamento que a Rússia recebia de organismos e governos ocidentais. Essa corrente de pensamento nasce como uma visão alternativa a uma aliança entre a Rússia e o Ocidente, sugerindo que os russos devem desenvolver sua filosofia política e a sua hegemonia com base na sua história e cultura, incluindo os territórios que fizeram outrora parte do Império Russo (SERGUNIN, 2016).

Não coincidentemente este espaço, circundante ao território russo, é o cerne do conceito de “*Heartland*” proposto pelo geógrafo britânico Halford John Mackinder. Para Mackinder, quem tivesse o domínio da imensa porção terrestre do *Heartland* (espaço correspondendo ao antigo Império Russo e a



URSS), teria o domínio do principal polo de poder mundial (COSTA, 2010, p. 80). A explicação para isso seria justamente a posição geoestratégica altamente benéfica que esta região fornece.

Para os russos este espaço é fundamental [a] por ser rico em recursos naturais (gás natural, petróleo, minério de ferro e afins); e [b] permitir a ligação entre a Europa (economicamente estagnada e politicamente caótica) e a Ásia (em ascensão econômica desde o começo deste século), tendo a Rússia como uma espécie de ponte entre os fluxos comerciais e as infraestruturas (como a *New Eurasian Land Bridge*, um dos corredores econômicos da Nova Rota da Seda chinesa) destas duas áreas.

Além dos motivos já enumerados, estes espaços, quando não estiverem sob hegemonia russa, também servem como Estados-tampão para determinar as zonas espaciais de influência entre a Rússia e o Ocidente. Portanto, os russos compreendem que a Ásia Central, o Cáucaso e principalmente o Leste Europeu (especialmente Ucrânia, Belarus e Moldávia) devem naturalmente ser espaços de sua influência geopolítica. Caso não estejam na sua esfera geopolítica, devem, pelo menos, ser espaços neutros.

Por outro lado, o Ocidente, liderado pelos EUA, também se utilizaram de Mackinder para desenvolver políticas de contenção e não permitir o avanço da hegemonia Russa/Soviética para espaços que estão no âmbito de sua ação geopolítica (MELLO, 1999). Vimos explicitamente estas políticas ao longo dos anos de Guerra Fria, através de alianças, tratados e acordos políticos realizados em diferentes esferas (Organização do Tratado do Sudeste Asiático, o Tratado ANZUS, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, por exemplo). No cerne do atual conflito Russo-Ucraniano está uma dessas políticas de contenção: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Criada em 1949, a OTAN foi fundada por 12 membros, a saber: Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Holanda, Portugal e Reino Unido. O principal objetivo da aliança militar era fazer frente ao Pacto de Varsóvia, uma aliança militar entre os soviéticos e seus aliados. Mesmo com o fim do bloco soviético a OTAN continuou a se expandir no século XXI, aceitando a adesão de países que fazem fronteira com o território russo, como é o caso da Estônia, Letônia e Lituânia que ingressaram na aliança em 2004.

A União Europeia (UE) também pode ser compreendida como outra política de contenção russa, porém no campo econômico. Não à toa, boa parte daqueles que são aliados à OTAN, também estão na UE. Desta maneira, OTAN e UE, por exemplo, conseguem conter espacialmente a influência econômica e militar russa no continente europeu e se caracterizam como instrumentos de disputa de poder, permitindo também um avanço da hegemonia atlântica em um espaço que os russos consideram naturalmente de sua influência. Mas qual é o papel e a importância da Ucrânia neste contexto?

A Ucrânia é um país de fortes ligações culturais e econômicas com a Rússia. Além disso, segundo Brustolin (2022), o país é estrategicamente importante para as forças navais russas. A península



da Crimeia, anexada pelos russos em 2014, permite a frota russa, através do Mar Negro e do Estreito de Bósforo, o alcance e navegação pelos mares de água quente que, diferentemente do Oceano Ártico, é trafegável durante todo o ano.

Para além da importância geoestratégica a Ucrânia também é um parceiro econômico importante para a Rússia. Em 2019, o valor de exportação dos russos para os ucranianos foi de \$6.62 bilhões de dólares. Ao inverso, dos ucranianos para os russos, foi de \$4.69 bilhões de dólares. Os principais produtos na troca comercial entre a Rússia e a Ucrânia são: combustíveis fósseis (especialmente o gás natural, que foi constantemente utilizado como alvo do poder econômico² aplicado pela Rússia com a intenção de afastar a Ucrânia dos blocos ocidentais e mantê-la sobre sua zona de influência), maquinários pesados, ferro e aço, entre outros (OEC, 2022). Ademais, as indústrias russas e ucranianas também são parceiras em determinados campos como, por exemplo, na produção de microchips, partes automotivas e afins.

A relação entre ucranianos e russos se degradou de forma acentuada no ano de 2013, quando a Ucrânia recuou em um acordo comercial com a UE após pressão russa. Com a desistência deste acordo a população iniciou uma série de protestos contra o presidente pró-Rússia, Viktor Yanukovich, que ficaram conhecidos como *Euromaidan*. Como consequência, Viktor Yanukovich foi deposto e o país deu uma guinada nas relações mais estreitas com o bloco europeu, principalmente durante o governo de Petro Poroshenko, sucessor de Yanukovich.

A questão cultural e identitária também é um fator de preocupação para Moscou. Desde a crise de 2013 as relações culturais entre os russos e ucranianos também tiveram mudanças significativas. Talvez, a mais importante dessas mudanças foi a separação, após 300 anos unidas, da Igreja Ortodoxa ucraniana da Igreja Ortodoxa russa, em 2019 (MOURENZA; SAHUQUILLO, 2019). O idioma também é outro ponto sensível. Como em todo o antigo espaço soviético, o idioma russo é muito presente no corpo social da Ucrânia.

No entanto, também em 2019, foi aprovada uma lei em que até 3 anos os funcionários públicos do país deveriam obrigatoriamente se comunicar através do idioma ucraniano, sendo proibido o uso do idioma russo para tal finalidade (ESTADO DE MINAS, 2019). Essa ação foi considerada por Moscou como uma forma de promover o apagamento da cultura russa e prejudicial às populações com maior aproximação a cultura russa que estão presentes no Leste da Ucrânia.

Dessa maneira, a Rússia se viu ameaçada com a possível perda de um espaço no continente europeu que, a partir da sua perspectiva política, ela historicamente tem o direito de exercer alguma

² Poder econômico poder ser compreendido como a utilização (para punição ou controle) de recursos econômicos para alcançar objetivos específicos. Sanções econômicas, exploração de recursos naturais, interdependência econômica e cambial e acesso ou restrição a mercados são alguns dos recursos utilizados para exercer o poder econômico (NYE, 2012).



influência. Para os principais formuladores políticos russos a guinada ucraniana em direção a hegemonia ocidental é um absurdo e não deveria ser tolerada.

Para não comprometer a construção do seu poder hegemônico e não permitir a aproximação das políticas de contenção ocidentais às fronteiras russas, desde 2014, Moscou vem apoiando e colaborando (presença de tropas russas descaracterizadas) com grupos separatistas pró-Rússia atuantes na região Leste da Ucrânia. Este movimento, para os russos, é fundamental, pois a partir do seu ponto de vista ainda conseguem equilibrar a disputa de influência no espaço ucraniano com os atores ocidentais e contrabalancear os rumos políticos da Ucrânia.

Em 2021, Putin disse em algumas ocasiões (G1, 2021; BALMFORTH; SOLDATKIN, 2021) que o Ocidente não deveria ultrapassar os limites da Rússia. A Ucrânia, na visão geopolítica russa, é o limite do espaço de influência russo e não deveria ser conquistado, na figura da OTAN e da UE, pelo Ocidente. Portanto, a tomada de decisão de Putin em invadir a Ucrânia, no dia 24 de fevereiro de 2022, é uma resposta ao bloco hegemônico de poder Ocidental de que a Rússia não tolera a influência cultural, econômica, política e não pretende permitir a tomada de espaços de influências que eles acreditam ser de sua alçada. Este novo capítulo da história mundial elevou a disputa pelo poder hegemônico global.

A Ucrânia é um território que está sendo o palco de atuação das novas geopolíticas estatais, que buscam estabelecer espaços geográficos de poder e hegemonia no interior do sistema capitalista. Isto nunca deixou de ocorrer. Não é uma exclusividade da Rússia promover conflitos armados para estabelecer esta categoria de poder. A África e o Sudoeste Asiático sofrem continuamente, durante décadas, com estas disputas, quase sempre apoiadas pelas lideranças ocidentais e aliados.

Para reprimir a tentativa russa de romper o poder hegemônico ocidental, os membros das políticas de contenção que citamos anteriormente estão contra-atacando principalmente em duas frentes: [a] econômica, sufocando o sistema financeiro russo, através de sanções econômicas a bancos russos e a expulsão da Rússia do sistema *SWIFT*; e [b] militar fomentando o escalonamento do conflito através do suporte militar (armamento, caças, combustível) dos países da OTAN à Ucrânia. Outro método de enfraquecer esse rompimento é subjugar a Rússia na opinião popular. Isso tem sido feito, por exemplo, através da exclusão do país em eventos esportivos.

As consequências do contra-ataque ocidental à invasão do território ucraniano pela Rússia não se limitam apenas aos europeus. Ela goteja em todas as partes do mundo com a elevação no preço do petróleo, afetando a produção e o fornecimento produtos agrícolas e causando o embaraço na cadeia produtiva de aço, metal e titânio. Isto ocorre porque vivemos em um mundo amplamente conectado por uma gama de redes financeiras e de infraestruturas que tornam diferentes territórios e sujeitos interdependentes.



Além disso, as consequências do poder econômico exercido no sistema econômico russo e o colapso com a desvalorização da moeda russa (rublo) também ecoam em países cujas economias estão profundamente atreladas à Rússia. Na Ásia Central, por exemplo, as fragilizadas economias do Quirguistão e Tadjiquistão dependem significativamente das remittências dos migrantes laborais destes países que ocupam postos informais de trabalhos em grandes cidades russas.

Por fim, é necessário destacar que não existe o “vilão” e o “mocinho”. A geopolítica é pragmática e os ucranianos, pela posição geoestratégica do seu território, estão sofrendo, da maneira mais dolorosa possível, a disputa, entre a Rússia e o Ocidente, pela hegemonia global. Enquanto o Ocidente, incapaz de impedir um conflito armado nas suas fronteiras, tenta realizar a manutenção da sua cambaleada hegemonia, através das políticas de contenção contra a Rússia; os russos acreditam ser inadmissível que o bloco de poder ocidental tente capturar atores que jamais devem sair da sua esfera de influência, e para tal, iniciam um conflito armado para demonstrar o seu poder.

Estas disputas geopolíticas estatais sempre existiram e continuarão a existir. A grande diferença nesta disputa hegemônica é que agora elas não estão escondidas no que Santos (1999) chamaria espaços opacos. O mundo não está chocado por mais um conflito estar ocorrendo. Conflitos existiram e existirão, especialmente em regiões onde as configurações políticas e econômicas são mais fragilizadas, pois estão na base das relações de poder inerentes ao território e espaço. A opinião pública está chocada por assistir à guerra, a dor e a busca pelo poder no espaço europeu, tido no imaginário geográfico mundial contemporâneo como avançado, civilizado, moderno e próspero.

Os russos conseguirão romper com a hegemonia Ocidental? O ocidente irá conseguir parar a investida russa? Ainda é muito prematuro para se obter as respostas destes questionamentos. Os conflitos, sobretudo os armados, são dinâmicos e precisaremos de décadas para compreender os desdobramentos desta nova fase da hegemonia global.

REFERÊNCIAS

AGNEW, John. “A nova configuração do poder global”. **Caderno CRH**, vol.21, n. 3, 2008.

BALMFORTH, Tom.; SOLDATKIN, Vladimir. “Putin diz que Ocidente trata ‘linhas vermelhas’ da Rússia com leviandade”. **Isto É Dinheiro** [18/11/2021]. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br>>. Acesso em: 26/02/2022.

BRUSTOLIN, Vitelio. “Pesquisador da UFF esclarece as motivações históricas da guerra entre Rússia e Ucrânia”. **Portal Eletrônico da Universidade Federal Fluminense** [24/02/2022]. Disponível em: <<https://www.uff.br>>. Acesso em: 26/02/2022.



CORRÊA, Roberto Lobato. “Espaço: um conceito-chave da Geografia”. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder**. São Paulo: EdUSP, 2010.

ESTADO DE MINAS. “Ucrânia aprova lei para reforçar o uso da língua ucraniana”. **Estado de Minas** [25/04/2019]. Disponível em: <<https://www.em.com.br>>. Acesso em: 28/02/2022.

G1. “Vladimir Putin diz que país dará resposta severa se Ocidente ultrapassar limites da Rússia”. **G1** [21/04/2021]. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: 26/02/2022.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: HUCITEC, 2015.

MOURENZA, Andrés.; SAHUQUILLO, María. “Igreja Ortodoxa ucraniana se separa formalmente da russa”. **El País** [06/01/2019]. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com>>. Acesso em: 28/02/2022.

NYE, Joseph. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

OEC - The Observatory of Economic Complexity. “Latest Trends”. **OEC Website** [2022]. Disponível em: <<https://oec.world>>. Acesso em: 26/02/2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

SERGUNIN, Alexander. **Explaining Russian Foreign Policy Behavior: theory and practice**. Stuttgart: Ibidem Press, 2016.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 9 | Nº 27 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima



BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca